

Caro Sr. Dr. Recibi agora a carta de V. Exa., que muito agradeço, e passo a expor a dificuldade que surgiu re-  
sultando com o Todaro. Para me tomar bem claro começo por expor resumidamente o meu modo de ver sobre  
as Bromélias:

O estudo das Bromélias está ainda n'uma enorme confusão, como se vê pela obra miserável  
que sobre elas fez o Baker no seu livro sobre as Aráceas. O único trabalho sério que encontrei sobre estas  
plantas é a "Flora italiana" de Parlatore. Este autor distingue perfeitamente as espécies, não dei-  
xando nunca de citar em cada uma os caracteres mais valiosos, como são o comprimento do tu-  
bo do perianto e a forma e natureza das brácteas de espátulas, felizmente não ligou a estes  
caracteres a importância que têm e na questão do comprimento do tubo considerou este compri-  
mento um absoluto e não, como devia, em relação ao comprimento total do perianto. Para  
V. Exa. ver a importância que tem este caráter, absolutamente pessoalmente, basta dizer-lhe que  
mesmo tomado absolutamente são os seguintes resultados: Na B. Chusiana, que tem as flores  
muito grandes o tubo é setecientos vezes mais comprido, não passando de 4 milímetros de comprimento, ao passo  
que na B. tenella e na B. Parlatori, de flores muito pequenas, é sempre de 5-6 centímetros.  
Claro está que estes comprimentos tomados assim em absoluto dão diferenças pequenas e  
pouco apreciáveis, mas se os tomamos em relação ao comprimento total do perianto  
as diferenças são consideráveis. Assim, na B. Chusiana o tubo nunca chega a  $\frac{1}{5}$  do com-  
primento total do perianto, ao passo que na B. tenella e na B. Parlatori é em média  $\frac{1}{10}$   
desse comprimento, e às vezes mais. Nas flores vivas o comprimento varia em menor do  
tubo do perianto dá-lhes aspectos muito especiais, fazendo-as adquirir formas características.

Porisso em dividindo as Bromélias em duas seções muito naturais: 1ª as "Brevitubulíferas" e  
flores com o tubo não alcançando nunca  $\frac{1}{4}$  do comprimento total do perianto e as "Longitu-  
bilíferas" com o tubo alcançando sempre  $\frac{1}{4}$  do comprimento total do perianto. A divisão feita  
por Baker segundo o tamanho das flores não vale nada, porque esse tamanho varia muito  
em certas espécies, como a B. bulbocodium, que tem flores muito grandes ou setecientos vezes pequenas.

Um outro critério precioso das *Parasitellas* é o desenvolvimento das brácteas. Algumas espécies de bráctea superior é larga ou totalmente escariosa, produzindo a inferior ou herbácea ou escariosa; n' outras, porém, as bráctea são ambas total ou quasi totalmente herbáceas. Isto é constante, e como tal o nomenclatura sempre Parlatóri. Por isso divide cada uma das espécies em dois grupos, ficando assim, os seguintes grupos, em que até não compreendem de 10 e nítidamente colocados todos os espécimes europeus:

I. Bulbosidinae — brevitalíferas com a bráctea superior total ou quasi totalmente escariosa; ex: *B. Chusiana*, *B. bulbosida*, *B. Polii*, *B. ligustica*, etc.

II. Raniflorinae — brevitalíferas com as bráctea ambas herbáceas ou quasi totalmente herbáceas; ex: *B. raniflora*, *B. parparascens*.

III. Linariariae — Longitalíferas com a bráctea superior total ou quasi totalmente escariosa; ex: *B. Linari*, *B. Repicarii* e *B. Columnae*, etc.

IV. Parlatóriinae — Longitalíferas com ambas as bráctea total ou quasi totalmente herbáceas; ex: *B. Parlatórii*, *B. tenella*.

Este método de classificação é exato, e visto que o meu propósito poderia ser: mostrar que cada botânico possa seguramente distinguir as *Parasitellas* de seu país; fazendo-se a verdadeira distincção das espécies n' um grupo ou n' outro ainda ainda n' o baralho e confundido. Quem examinou as descrições de diversas proveniências claramente reconhece que as espécies são n'õ diversamente interpretadas pelos botânicos, confundendo-se. Com o nome de *B. Columnae*, por exemplo, todos reunido não só a verdadeira planta mas também a *B. Parlatórii* e formas micrôntas de diversas espécies. Isto até de tal forma atrapaçado que para se apurar qual são as formas que correspondem exactamente aos tipos — mas é necessário pôr de lado tudo que modernamente se tem feito, para só estar e respeitar as fontes originaes e os exemplares dos loc. classicos.

Chegado aqui, passo a expor a minha divisa, que é a seguinte:



No herbario da Universidade de Coimbra, em apêndice, ha exemplares evidentemente autênticos da verdadeira B. Parlatoii, Tod. pois que foram colhidos pelo proprio Todaro e distribuidos por elle na sua "Flora sicula siccata", com o n.º 371. Não posso duvidar, pois, de que estes exemplares representam a verdadeira B. Parlatoii, Tod.

Todaro, que conhecia muito bem a B. ramiflora, pois que é abundante na Sicilia e ali foi distribuida por elle, considerou a B. Parlatoii especie propria, independente da B. ramiflora. Ora os exemplares referidos da B. Parlatoii confirmam bem o modo de ver de Todaro, por que são completamente diversos da B. ramiflora, Ten. especie qm da B. purpurascens.

Como é, pois, que Parlatoe considera a B. Parlatoii como simples variedade submissa da B. ramiflora? Não sei, e não posso attribuir isto a que Parlatoe não visse exemplares autênticos da verdadeira B. Parlatoii, Tod. e que julgasse que este hino se referia a uma simples forma da B. ramiflora. por uma má interpretação da diagnose de Todaro. Ora, efectivamente, Parlatoe não cita da B. Parlatoii ~~um~~ ~~exemplar~~ colhido por elle, ao passo que de outras especies cita exemplares colhidos por Todaro.

Seja como for, o que é certo é que todos têm seguido Parlatoe, considerando a B. Parlatoii como mera variedade da B. ramiflora. (o que de modo algum se pode admitir em presenca dos exemplares autênticos da B. Parlatoii.)

Por isto, e para me esclarecer melhor, eu muito desejava ler as diagnoses do proprio Todaro. Poderia V. Le.ª veria-me o "Hortus pan." (anno de 1857, pag. 16 e 44) ou transcrever-me tudo quanto este autor ali diz sobre as B. Parlatoii e B. ramiflora e B. purpurascens e B. longicaepe? Sobre tudo o que diz respeito ás B. Parlatoii e B. ramiflora. Al nito desejava saber, tambem, o que a tal respeito diz o tal Lajardus na sua "Flora Sicula." Como V. Le.ª vê, é um ponto curioso a resolver e muito interessante para nós, visto que a planta botânica da com o n.º 1639 na Soc. Proteriana é uma simples forma da B. Parlatoii. Esta

planta vista também no Herb. Willkomm, com o nome de A. Columnaria e co-  
nhecida por Lauge nos arredores de Sevilla. A nossa forma é um pouco mais  
robusta e com o perianto um tanto mais vivamente colorido, segundo me parece, pois  
não conheço descrição perfeita da A. Parlatori para poder comparar o colorido  
do seu perianto com o da nossa planta. Nos receptáculos da A. Parlatori,  
a cor desaparece bastante pelas velhas.

Espero uma resposta de V. Ex.<sup>ta</sup> com a brevidade que lhe for permitida, o  
que darei já muito obrigado.

Entretanto o trabalho sobre as Roumex para o Anuário da Botâ-  
nica; por me a V. Ex.<sup>ta</sup> o julgar digno do "Boletim da Soc. Botânica",  
está de ao seu dispor, logo que resolvida ficar a dívida superior. Devo di-  
zer a V. Ex.<sup>ta</sup> que o trabalho sobre os Rhus e operou para o Boletim, respondeu  
à V. Ex.<sup>ta</sup> que este acaso não o podia publicar por falta de espaço. Ora,  
como eu o veria publicado em 1904, e de - o para os An. de Sc. Nat. onde  
saio. Eu tenho uma grande coleção de original acumulada, e quero de V. Ex.<sup>ta</sup>  
proteger, mas a muitas dificuldades, entregar annualmente alguma coisa para  
o Boletim.

Porto, 17. 10 1904

Jardim Botânico

De V. Ex.<sup>ta</sup>

Com a mais consideração  
C. P. at. of.

Leocadio Lampro